

## ***FLUXO DE FRASEOLOGISMOS ENTRE O FUTEBOL E OUTROS DOMÍNIOS***

**Carlene Ferreira Nunes Salvador<sup>1</sup>**

Doutora em Letras: Linguística e Teoria Literária pela UFPA

**Davi Pereira de Souza<sup>2</sup>**

Doutorando em Letras pela UFPA

### **RESUMO**

Neste artigo são apresentados fraseologismos que transitam entre o domínio do futebol e outros domínios discursivos. Adota-se a corrente francesa de Fraseologia, a partir de Mejri (1997; 2012) e os critérios sugeridos por esse autor na identificação fraseológica. A metodologia inclui amostra extraída de textos que circulam em jornais e periódicos *online*, aplicação de testes para verificar o caráter fraseológico ou não das unidades sob análise, além de consulta a dicionários das 42 unidades encontradas para certificar-lhes a institucionalização. A análise mostra que o futebol fornece fraseologismos aos outros domínios, como o caso de *quem não faz leva*, e também recebe deles outras estruturas e sentidos, como em *tem peixe na rede*, indicação de gol feito, emprestado do setor pesqueiro.

**Palavras-chave:** Fraseologia. Fraseologismos. Futebol. Domínios discursivos.

### **Considerações iniciais**

O futebol, por constituir um dos esportes mais praticados em todos os países, apresenta uma linguagem própria que o caracteriza. A relação existente entre os sujeitos envolvidos na prática dessa atividade, nesse caso, jogadores, profissionais da área, torcedores e leitores, possibilita a atualização de termos e fraseologismos nas modalidades oral e escrita da língua.

Por sua vez, o campo fraseológico se configura como uma área que se detém no estudo das expressões fixas das línguas. Estruturas como *bola da vez*<sup>3</sup>, *gol de placa*, *quem não faz leva* estão presentes em falas cotidianas do povo brasileiro. Esse tipo de combinatória que apresenta fixidez relativa ou total de sua forma, de seu sentido, frequência de uso e um traço metafórico representa os chamados fraseologismos. Nos casos supracitados, são casos de unidades que circulam em diversos contextos discursivos, mas originalmente surgiram no domínio do futebol.

<sup>1</sup> Endereço eletrônico: carlene.salvador77@gmail.com

<sup>2</sup> Endereço eletrônico: davips312@gmail.com

<sup>3</sup> Aos exemplos retirados da amostra analisada foi dada a ênfase em itálico.

O esporte bretão fornece uma gama de expressões à língua geral, assim como recebe de outros domínios exemplares que servem aos propósitos do discurso futebolístico, como os fraseologismos *bater o martelo* e *batalha campal*. O primeiro refere-se ao ato de sacramentar uma transação financeira ou finalizar uma partida de futebol. Já *batalha campal* constitui uma expressão emprestada do domínio bélico e que, no futebol, indica uma partida acirrada em que as equipes se enfrentam como em uma verdadeira batalha.

A produtividade fraseológica no campo futebolístico apresenta casos frequentes de expressões que estão enraizadas na memória do falante, e que a todo momento são acionadas tanto em interações relativas ao esporte quanto em conversas que extrapolam as *quatro linhas* do gramado.

Em face da produtividade fraseológica observada em textos de jornais populares brasileiros relativos ao domínio do futebol, Salvador (2017) apresentou, em sua pesquisa de doutorado, um repertório constituído de 1316 fraseologias. A partir do *corpus* da investigação citada foi possível verificar, dentre os exemplos listados pela autora, quais deles remetiam a outros domínios que não propriamente o futebolístico. Em termos metodológicos do artigo que ora se apresenta, foram escolhidas 42 unidades fraseológicas a título de ilustração do movimento existente entre fraseologias de diferentes domínios discursivos que de alguma forma estão ou são produzidos no domínio do futebol. Nesse sentido, o objetivo deste artigo consiste em apresentar a movimentação de fraseologismos que transitam entre o domínio do futebol em direção a outros domínios discursivos, e vice-versa.

Os tópicos que constituem este artigo estão estruturados a partir deste tópico inicial, do referencial teórico que embasa este estudo, da metodologia utilizada tanto na pesquisa de Salvador (2017) quanto na organização deste artigo, da apresentação dos resultados, das considerações finais e das referências.

### **Fraseologia e fraseologismos**

O termo fraseologia designa tanto o campo investigativo quanto o seu objeto de estudo, isto é, o fenômeno da cristalização lexical e o funcionamento das unidades fraseológicas. Do ponto de vista da sistematização da área, a Fraseologia<sup>4</sup> é relativamente

---

<sup>4</sup> Na literatura da área, costuma-se grafar com a inicial maiúscula o termo Fraseologia referente à disciplina.

nova, principalmente se levarmos em consideração que o seu surgimento como campo científico ocorreu a partir de estudos realizados no início do século XX, em que autores e pesquisadores se dedicaram a delimitar o espaço de atuação da disciplina fraseológica, assim como houve a preocupação em sistematizar o processo de identificação e segmentação do seu objeto de estudo, os fraseologismos.

Nesse cenário, os estudos de Charles Bally representam o primeiro registro de tentativa em assegurar a Fraseologia como uma disciplina, considerando-a uma sub-macroárea da Lexicologia, preocupada em observar casos de combinações ou agrupamentos de palavras que deixavam, ao longo do tempo, de ocorrer sob uma forma livre para se tornar uma associação estável. A esse fenômeno, próprio de todas as línguas naturais, o autor convencionou chamar de:

- a) **séries fraseológicas ou agrupamentos usuais**, quando o grau de coesão é relativo. Nesse caso, as palavras que compõem a expressão têm, isoladamente, autonomia, mas não no conjunto. Como exemplos, ele cita amar loucamente e desejar ardentemente;
- b) **unidades fraseológicas**, quando o grau de coesão é absoluto. Nesse caso, as palavras perdem sua significação e é o conjunto que adquire um novo significado, que não é o resultado da soma dos significados de cada um dos elementos. Exemplos desse tipo são as locuções adverbiais e verbais, como ainda há pouco, mais ou menos etc. (BALLY, 1951, p. 34, grifo nosso).

Além de propor a classificação do fenômeno fraseológico em séries fraseológicas ou agrupamentos usuais e unidades fraseológicas, Bally (1909) nomeou de *Phraséologie* a área em vias de ser reconhecida, por conta disso, ele é considerado até hoje o *Pai da Fraseologia*. O autor propôs ainda a divisão da Fraseologia em popular e em técnico-científica, sendo esta última a responsável pelo estudo das expressões que ocorrem, principalmente, em determinado domínio discursivo, como é o caso do ramo do futebol.

Apesar de ter dado o *pontapé inicial* na área fraseológica, Bally (1909; 1951) não foi o seu grande impulsionador. Foram os estudiosos soviéticos, representados por Polivanov (1931) e Vinogradov (1947), os primeiros a solicitar a autonomia da Fraseologia em relação à Lexicologia. Esses dois autores, após apresentarem as características que envolviam o processo de fixação de unidades dessa natureza nas línguas, a saber, repetição e estabilidade da forma, além de recorrência na ordem das palavras na combinatória, foram os primeiros a defender que a área já apresentava método e escopo que lhe possibilitaria a emancipação necessária para desvincular-se dos estudos do lexicológicos.

O embate entre ser dependente ou não da Lexicologia persiste até hoje. Sob diferentes perspectivas, os autores dividem opinião sobre o assunto. Dentre os que defendem a dependência estão: por exemplo, Pottier (1974), Coseriu (1977) e Klare (1986). Por sua vez, dentre aqueles que militam pela independência estão Ruiz Gurillo (1997) e Rodriguez (2004). Por conta da corrente teórica adotada (MEJRI, 1997; 2012), assumimos que a Fraseologia ainda configura uma área vinculada aos estudos do léxico, portanto, filiada à Lexicologia, embora, recentemente, Corpas Pastor (2017) a tenha considerado autônoma, de natureza interdisciplinar.

A despeito do embate envolvendo a autonomia da área, a partir desses estudos iniciais em Fraseologia, outros autores puderam atribuir-lhe uma definição. Ortíz Alvarez (2000) a define como:

A ciência que estuda as combinações de elementos linguísticos de uma determinada língua, relacionados semântica e sintaticamente, cujo significado é dado pelo conjunto de seus elementos e não pertencem a uma categoria gramatical específica (ORTÍZ-ALVAREZ, 2000, p. 22).

Nessa definição, a autora concentra-se no objeto de estudo, ressaltando características morfológicas, sintáticas e semânticas das unidades fraseológicas. Cabe ressaltar o uso de termo genérico, *elementos linguísticos*, para se referir às unidades que compõem a estrutura sintagmática do fraseologismo.

Assim como há o embate em torno da autonomia da área fraseológica, observamos também a diversidade relativa à denominação do fenômeno que a caracteriza. Provérbios, ditados, adágios, refrões, idiotismos, expressão idiomática, frases feitas, locuções figuradas, fórmulas rotineiras, colocações, parêmsias são alguns dos termos utilizados para se referir às unidades fixas das línguas que apresentam como características comuns o fato de serem polilexicais, ou seja, são formadas por duas ou mais palavras, fixidez dos componentes, repetição no discurso e frequência de uso, o que as tornam reconhecíveis pelos falantes da língua. Tendo em vista a escolha teórica adotada, fazemos uso dos termos fraseologismo, unidade fraseológica ou sequência cristalizada por serem os mesmos usados por Mejri (2012).

Do ponto de vista constitutivo, os fraseologismos apresentam propriedades que permitem identificá-los e classificá-los conforme o grau de fixidez que denotam e o quão idiomáticos podem ser. Dentre essas propriedades, as mais salientes são: polilexicalidade,

fixidez, congruência, frequência, previsibilidade e idiomaticidade. Apresentamos uma breve síntese dessas características.

A primeira propriedade dos fraseologismos reside no fato de eles serem constituídos por mais de um constituinte, como *bola fora*, *caça níquel*, *correr atrás do prejuízo*, *tirar o time de campo*. Ferraz (2010) define as unidades polilexicais como “[...] unidades constituídas de mais de uma palavra, com certa coesão interna entre os seus componentes, tornando-se combinações fixas que, no sistema e na frase, podem assumir a função e o significado de palavras individuais” (FERRAZ, 2010, p. 38-39). Os traços realçados pela autora conferem às combinações sintagmáticas tanto um valor quantitativo quanto qualitativo, uma vez que essas unidades podem refletir processos de formação de palavras correntes na língua, como é o caso das palavras compostas. Porém, no caso dos fraseologismos, há um tipo de desvirtuamento do fator denotativo que os diferencia dos compostos. Ademais, apesar de ser a característica mais saliente dos fraseologismos, a polilexicalidade sozinha não assegura o caráter fraseológico a esse tipo de estrutura, pois elas podem ainda ser colocadas em contraste com combinações livres que não apresentam fixidez sintática ou semântica.

A fixidez sintática dos fraseologismos assegura parte do reconhecimento da combinatória pelos usuários das línguas. Para Mejri (2012), a fixidez ocorre nos planos sintagmático *cama de gato*/\*<sup>5</sup>*cama(s) de gato(s)*/\**cama de (um) gato*/\**cama de gat(inho)*, semântico-pragmático e no nível paradigmático, como *quebrar o jejum* cujo significado, no futebol, é cristalizado como por fim a uma série de partidas sem vitórias, sendo impossível comutações como *\*quebrar (a derrota)*. Sintaticamente, a cristalização se revela como o processo em que os elementos constituintes da combinatória vão, aos poucos, perdendo a liberdade de deslocamento para formar o que Mejri (2009) nomeia de *séquence figée*. Concomitantemente, outro processo ocorre, a congruência. Essas duas noções se referem tanto ao condicionamento dos constituintes na sequência sintagmática quanto ao processo de cristalização da forma e do significado.

Mejri (2009) define a congruência como “[...] um processo de adaptação das unidades lexicais pelo qual elas se integram naturalmente na combinatória” (MEJRI, 2009, p. 79). Essa noção evita que o fraseologismo, mesmo sofrendo as pressões do sistema, como é comum nas línguas naturais, perca o seu sentido. Assim, enquanto a

---

<sup>5</sup> \*indica não-aceitabilidade.

fixidez assegura o congelamento da forma, sem impedir que haja o fenômeno da variação, a congruência assegura a validade do sentido por ele expresso, e determina que é incongruente o que não se aplica nas regras inscritas da combinatória. Além disso, é a partir do cruzamento da fixidez com a congruência que se torna possível a verificação do grau de fixidez do fraseologismo. Ao considerar que os fraseologismos apresentam a tríplice característica de “serem polilexicais, bem formados e fixos”, (MEJRI, 2012, p. 13) anuncia mais uma propriedade de identificação dessas estruturas, a previsibilidade sintagmática.

A partir da noção da congruência, surge outra propriedade relevante no estudo fraseológico, a previsibilidade. Intimamente ligada ao fator da frequência, que diz respeito à quantidade de vezes que o fraseologismo é arrolado nos discursos, a congruência e a frequência exercem entre si quase uma relação tautológica, em que são previsíveis porque são frequentes e frequentes porque são previsíveis. Não é possível assegurar o momento em que um elemento da combinatória se aproxima do outro, porém, a quantidade de vezes que eles passam a circular juntos influencia diretamente no caráter previsível da sequência em cada parte do sintagma. Ao observarmos o caso do fraseologismo *câmbio negro*, percebemos que a probabilidade de o segundo elemento do sintagma *câmbio* \_\_\_\_\_ ser preenchido pela palavra *-negro* é muito maior do que se fosse com a palavra *-preto*, que, a depender do contexto, pode vir a constituir um sinônimo, mas não um fraseologismo. Assim, o fator previsibilidade se revela também pela ausência de um dos constituintes da sequência sintagmática.

Nessa relação de presença/ausência, a recorrência, ou melhor dizendo, a frequência com que os fraseologismos se apresentam em uma estrutura pré-fabricada, ao mesmo tempo que possibilita o seu uso em contexto específico, também viabiliza a cristalização do sentido fraseológico por meio da repetição. Em nossa amostra, o fator frequência foi muito relevante na escolha dos exemplos selecionados, principalmente se considerarmos a produtividade em contextos diferentes de fraseologismos do futebol que circulam, transitam em meios diversos.

Outra propriedade que possibilita o reconhecimento do fraseologismo é a idiomaticidade. Esse critério evidencia que o sentido fraseológico não pode ser obtido a partir do significado particular de cada palavra da sequência sintagmática. Para Rodriguez (2004), a idiomaticidade

É outra característica distintiva da UF, mas, neste caso, afeta apenas parte delas, sendo, portanto, uma propriedade possível, mas não necessária, para que uma determinada expressão seja considerada fraseológica. Diz-se que uma UF é idiomática quando seu significado não é dedutível da soma dos significados de seus componentes, que perderam sua identidade semântica e sua autonomia, consolidando agora uma unidade de significado solidária. É o resultado de um processo diacrônico de desmotivação linguística (RODRIGUEZ, 2004, p. 18).

A autora frisa em sua definição o fato de o significado do fraseologismo não ser deduzido da aceção de cada elemento que constitui a unidade fraseológica. Essa premissa pode ser verificada em *pé quente*, exemplo retirado do *corpus* sob análise, em que o elemento *pé*, um substantivo, se refere à extremidade terminal dos membros inferiores dos animais e, *quente*, um adjetivo indicando que se tem ou produz calor. Vistos separadamente, nenhum usuário da língua poderia deduzir dessa sequência o sentido de pessoa sortuda, com êxito naquilo que faz. Esse significado só pode ser alcançado se observado o conjunto, o bloco formado pelas duas palavras.

Ainda sobre o exemplo de *pé quente*, observamos que nenhum dos dois elementos remete individualmente ao terceiro sentido estabelecido, nesse caso, *entram em jogo* mais duas noções importantes para o estabelecimento da idiomaticidade fraseológica, a transparência e a opacidade. De um lado, a transparência aponta para o constituinte que ainda apresenta algum resquício de seu significado original, como em *mala preta*, onde o primeiro item do sintagma *mala* ainda conserva seu valor denotativo de objeto, geralmente em formato retangular usado para transportar roupas. Por apresentar em sua base, ao menos um elemento referenciador, dizemos que *mala preta* é mais transparente, pois, mesmo no futebol, ao indicar a mala em que alguns cartolas e empresários transportam altas quantias a ser entregues a alguma equipe como forma de incentivá-la a perder o jogo em benefício de seu adversário, ainda se verifica um vínculo com um dos seus elementos. Por outro lado, quando o significado do fraseologismo não pode ser entendido apenas pela primeira aceção de cada integrante da sequência sintagmática como em *cama de gato*, quando dois jogadores disputam uma jogada aérea, porém só um deles não sobe e fica por baixo para impedir que seu adversário tenha equilíbrio, conseguindo assim, a posse da bola, dizemos que se trata de uma unidade opaca, já que nem *cama*, nem *gato* apresentam relação direta com o sentido final. Esses dois fatores possibilitam eleger um *continuum* onde os fraseologismos são classificados em menos ou mais idiomáticos. A esse respeito, convém ressaltar que, quanto mais opaco o sentido, mais fixo pode ser o fraseologismo.

Como se vê, a área fraseológica, como toda ciência relativamente nova, ainda convive com algumas problemáticas de ordem constitutiva, terminológica e funcional, pelas razões ligeiramente expostas. Todavia, o movimento de pesquisadores, interessados em investigar as mais diversas manifestações fraseológicas, tem possibilitado um maior entendimento da própria área e da sua descrição em razão de aspectos morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. Para Ortiz Alvarez (2000, p. 82) “esta heterogeneidade existente reflete as vias de busca, os diversos critérios sobre o objeto da fraseologia e as tarefas e funções inerentes a essa disciplina”.

### **Futebol**

O futebol é o esporte mais praticado ao redor do mundo. A prática deste desporto movimenta pequenas e grandes fortunas, o que impulsiona a economia em diferentes estratos sociais. Supostamente, a criança ou jovem que consegue *dominar a redonda* tem a possibilidade de alçar sonhos mais altos. Para além de um esporte, o futebol representa para o povo brasileiro uma marca de sua identidade, pois, apesar de ter origem inglesa, foi no Brasil que essa prática ganhou visibilidade e muitos adeptos ao longo dos anos.

Capaz de mobilizar milhões de pessoas, o futebol, além de ser um forte impulsionador da economia, dispõe também, como campo discursivo, de um vasto repertório de palavras e expressões que visam descrever os passos, as ferramentas, as partidas, as jogadas e os envolvidos no processo futebolístico.

Expressões como *marcar um gol de placa*, *abrir o placar*, *pimba na gorduchinha*, *vestir a camisa*, *bola cheia*, *pisar na bola* estão cristalizadas não apenas na fala de locutores esportivos, jogadores, treinadores, árbitros ou pessoas que trabalham com futebol. Elas estão *na boca* das crianças, das mulheres, dos jovens, dos adultos e idosos. Estão na fala de profissionais diversos, contadores, leiloeiros, médicos, outros atletas, jornalistas e muito mais.

Além dos fraseologismos produzidos nas diversas interações orais, especialmente aqueles que referenciam a dinâmica do futebol, os jornais, com suas publicações diárias, apresentam registros desse caudal em capas e manchetes chamativas, além de dedicarem colunas e até cadernos inteiros dedicados a descrição de como o processo futebolístico mobiliza setores diferentes da sociedade e, não apenas o momento da realização de uma partida de futebol.

A partir da verificação de que o futebol apresenta um campo profícuo a produção fraseológica, Salvador (2017) apresentou em seu dicionário 1316 fraseologismos

extraídos de jornais *on line*, porém, nem todos os vieses possíveis de análise foram explorados na pesquisa original. Por conta disso, e por verificar que havia uma variedade de exemplos que circulam em diferentes domínios, apresentamos na próxima seção algumas observações acerca da perspectiva de domínio discursivo assumida para a realização da análise.

### **Domínio discursivo**

A linguagem utilizada por usuários de grupos comuns, sujeitos que compartilham o mesmo campo de atividade humana em determinadas situações sociais, gera um conjunto de textos que passam a ser replicados e se tornam reconhecíveis por todos os componentes desse mesmo grupo e os particulariza em relação ao discurso geral. O futebol, um esporte agregador não apenas de pessoas, mas de paixões, eferescências oriundas do amor incondicional aos times que são representados por suas torcidas, também acomoda, em seu acervo linguístico, um conjunto de fraseologismos que o caracteriza.

Para Marcuschi (2008), domínio discursivo constitui:

[...] muito mais uma “esfera da atividade humana” no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas (por exemplo: discurso jurídico, discurso jornalístico, discurso religioso etc.). Não abrange um gênero particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros são institucionalmente marcados. Constituem práticas discursivas nas quais podemos identificar um conjunto de gêneros textuais que às vezes lhe são próprios ou específicos como rotinas comunicativas institucionalizadas e instauradoras de relação de poder (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Com base no fragmento acima, o domínio discursivo se configura então como uma instância discursiva. Neste sentido, o discurso futebolístico, muito mais que um caudal em que os sujeitos se valem para expressar as diversas fases que envolvem a prática desse esporte, possibilita o desenvolvimento de uma linguagem própria, mas que se alimenta, na maioria das vezes, de partes de outros domínios discursivos e se nutre também de uma boa fatia de expressões advindas da língua geral.

Antes, durante e depois de uma partida de futebol, discursos de diferentes domínios se atravessam em comentários jornalísticos, em rodas de amigos em bares, em campos de várzeas, em grupos de esquina. Crianças, jovens e adultos não ficam imunes aos resultados positivos e negativos de seus times, neste contexto profícuo, palavras e expressões são reformuladas, resgatadas do cabedal linguístico de cada usuário, alimentando um sistema que, assim como o próprio esporte, se torna novo a cada jogo. Essa reformulação constante é produto da dimensão discursiva que se manifesta em nível morfológico, sintático, semântico, pragmático e sobretudo lexical.

Nesse contexto, Foucault (1995) ressalta que a formação discursiva se configura a partir de um conjunto de enunciados que apresentam certa regularidade de ocorrência, de uso. Se considerarmos os enunciados do futebol do ponto de vista de sua regularidade, perceberemos que eles estão, mais uma vez, além das *quatro linhas* do gramado. Afinal, qualquer falante do português brasileiro pode um dia ter marcado um *gol de placa*, sem ao menos ter tido contato com uma bola, ou ter sido *pé quente* em uma das inúmeras situações cotidianas. Nesse jogo de *ida e volta*, os domínios discursivos se cruzam e oferecem aos usuários da língua a possibilidade de interação e troca de experiências.

Deste modo, assim como o falante recorre ao arcabouço da língua geral, que, afinal, serve a todos os domínios, ele também consegue empregar fraseologismos de diversos campos discursivos de forma cruzada, e ainda assim, efetiva. Conforme Maingueneau (2006) já anunciava, o fato de o usuário falar de dentro de uma esfera discursiva, como é o caso do ramo futebolístico, não significa que ele se fecha nesse nível. Na verdade, esse posicionamento é entremeado de outros discursos anteriores do próprio futebol (intradiscurso), assim como do relacionamento com outras áreas (interdiscurso).

O interdiscurso, institucionalizado por meio de registros em dicionários e glossários, revelam como o léxico é um sistema aberto e sensível às transformações. Para Barros (2004), a diversidade, em seu caráter multidisciplinar, é expressa pela noção de conceito, a qual cobriria três níveis: a) conceito de domínio, particular daquele domínio *gol de placa*, um tento marcado com beleza e maestria que mereceria uma placa; b) conceito emprestado, aquele pertencente a outro domínio, mas que é usado com igual valor no domínio em questão como em *esquema tático* advindo do campo bélico e que figura com muita frequência no domínio do futebol; e c) conceito que ultrapassa o domínio, em que não é possível assegurar a origem já que é utilizado em todos os campos, como *dar mole*, no sentido de dar atenção, facilitar alguma coisa ou deixar a desejar.

Em nossa amostra, os dados revelam o atravessamento dos três conceitos a que Barros (2004) se refere, uma vez que há exemplos de fraseologismos que são exclusivos do futebol, mas não deixamos de verificar a presença fraseológica de outros domínios, além de exemplares da língua geral. Os passos que nos levaram a essa constatação estão descritos na próxima seção.

## **Metodologia**

Para a realização deste artigo houve o aproveitamento dos dados extraídos da tese de doutorado de Salvador (2017). Para compor sua amostra, a autora coletou dados de jornais populares (*Amazônia Jornal, O Massa!, Daqui!, Meia-Hora de Notícias e Diário Gaúcho*) em formato eletrônico que também apresentavam uma versão correlata impressa. O recorte temporal das notícias selecionadas corresponde aos anos compreendidos de 2008 a 2015. Já o período de coleta teve início em 2014 e foi finalizado em 2016, dando origem a 1316 fraseologismos listados em um dicionário em versão impressa e eletrônica.

Tendo por base os fraseologismos arrolados no dicionário de Salvador (2017), foram selecionadas 42 unidades que não foram exaustivamente tratadas no trabalho original no que se refere à análise da transitividade semântico-discursiva entre diferentes domínios inter cruzados na linguagem do futebol.

Após o levantamento feito no repertório-base, criamos uma lista com 42 fraseologismos que foram, posteriormente, submetidos à consulta em dicionários da língua geral, como o *Michaelis online* (2020), e em repertórios fraseológicos, para que pudéssemos certificar seu registro e de suas possíveis acepções nos demais contextos de uso. O resultado da procura fraseológica em dicionários da língua geral, assim como a análise dessas unidades em razão do viés teórico adotado estão mais bem explicadas na próxima seção.

### **Resultados e discussão dos dados**

Nesta seção, apresentamos e discutimos os resultados da análise realizada acerca de fraseologismos usados no discurso futebolístico que apresentam mais de um sentido dentro e/ou fora desse campo temático.

Embora o número de fraseologismos selecionados tenha sido maior, em virtude da alta produtividade de unidades que demonstram relação semântica com o universo bélico, decidimos tratá-las mais detidamente em outro momento. Assim, analisamos, neste artigo, apenas 42 unidades fraseológicas, organizadas alfabeticamente, no Quadro 1 a seguir:

**Quadro 01** - Amostra selecionada

1 - bola da vez	2 - bola fora	3 - bola murcha	4 - bola pro mato que o jogo é de campeonato
5 - caça níquel	6 - cama de gato	7 - câmbio negro	8 - cara a cara

9 - comandar o ataque	10 - comissão disciplinar	11 - comissão médica	12 - comissão técnica
13 - condição física	14 - condicionamento físico	15 - contra golpe	16 - correr atrás do prejuízo
17 - cortar gastos	18 - dar bola fora	19 - dar mole	20 - dar o bote
21 - pontapé inicial	22 - de bandeja	23- dente de leite	24 - desenho tático
25 - efeito suspensivo	26 - esquema tático	27 - fazer o dever de casa	28 - fechar a conta
29 - figura carimbada	30 - freguês de carteirinha	31 - fundo do poço	32 - fuzilar de cabeça
33 - ida e volta	34 - índice técnico	35 - liquidar a fatura	36 - mala preta
37 - pé quente	38 - quadro funcional	39 - quebrar o jejum	40 - quem não faz leva
41 - rifar a bola		42 - tirar o time de campo	

Fonte: Elaboração própria.

De acordo com o Quadro 01, em termos de produtividade, observamos que a maioria das unidades não é originária do futebol, configurando o interdiscurso referido por Maingueneau (2006), como em: *caça níquel, cama de gato, fundo do poço, quebrar o jejum*, dentre outras, demonstrando que esse universo discursivo mobiliza fortemente fraseologismos de outros domínios com os quais interage para ampliar a capacidade comunicacional e expressiva dos usuários que produzem e veiculam a linguagem do futebol.

Ainda em relação ao Quadro 1, os casos fraseológicos arrolados apresentam desde sequências compostas por dois elementos (*bola fora, bola murcha, caça níquel, câmbio negro, comissão disciplinar, comissão médica, comissão técnica, condição física, condicionamento físico, contra golpe, cortar gastos, pontapé inicial, de bandeja, efeito suspensivo, esquema tático, figura carimbada, índice técnico, mala preta e pé quente*), unidades constituídas de três componentes (*bola da vez, cama de gato, cara a cara, comandar o ataque, dar bola fora, dar mole, dar o bote, dente de leite, fechar a conta, freguês de carteirinha, fundo do poço, fuzilar de cabeça, ida e volta, liquidar a fatura, quebrar o jejum, rifar a bola e rota de acesso*) até sequências mais extensas (MEJRI, 2012): (*bola pro mato que o jogo é de campeonato, correr atrás do prejuízo, fazer o dever de casa e tirar o time de campo*).

Nesse último grupo de sintagmas mais extensos, temos exemplos que para Mejri (2012) configuram casos de sequências frásticas cujo formato é o mesmo de uma frase

sentenciosa, com aplicação determinada pela condição enunciativa e pragmática. O caso de *bola pro mato que o jogo é de campeonato* ilustra essa condição, observemos o exemplo:

Gosto de aparecer como surpresa na frente e quando dá arrisco umas tabelas. Quando o placar tá apertado não dá, é <bola pro mato que o jogo é de campeonato>, disse o zagueiro, arriscando um chavão {SDNEOM2012.03<sup>6</sup>}.

No excerto acima, oriundo da amostra sob análise, está o fraseologismo *bola pro mato que o jogo é de campeonato*, muito utilizado em jogos de várzea, proferido em razão do momento em que o jogo está truncado, aguerrido, e o jogador sem opção de lançamento, geralmente o zagueiro, acaba chutando a bola para qualquer direção, evitando que sua equipe venha a sofrer o gol e, que, por analogia, é muito utilizado no discurso ordinário com o valor de impulso, incentivo para que se transpasse uma situação adversa.

Em *correr atrás do prejuízo*, a despeito do rigor purista em que se entende que nenhum indivíduo corre atrás do prejuízo e, sim corre-se dele, no futebol, significa a corrida de um time quando está perdendo a partida ou se encontra em posição de desvantagem na classificação em relação ao seu adversário, o que pode ser observado no fragmento extraído do *corpus*, a seguir:

[...]os bicolores não transformaram o bom momento em atenção e tiveram que <correr atrás do prejuízo> desde os primeiros minutos {SBNOAJ2013.445}.

Na língua geral, esse exemplo de fraseologismo (MEJRI, 2012) se aplica às diversas situações diárias em que se tenciona avançar em direção a algo positivo, quando na maioria das vezes, se tem pressa do resultado. Vejamos um contexto de uso para *fazer o dever de casa*, outro caso expandido:

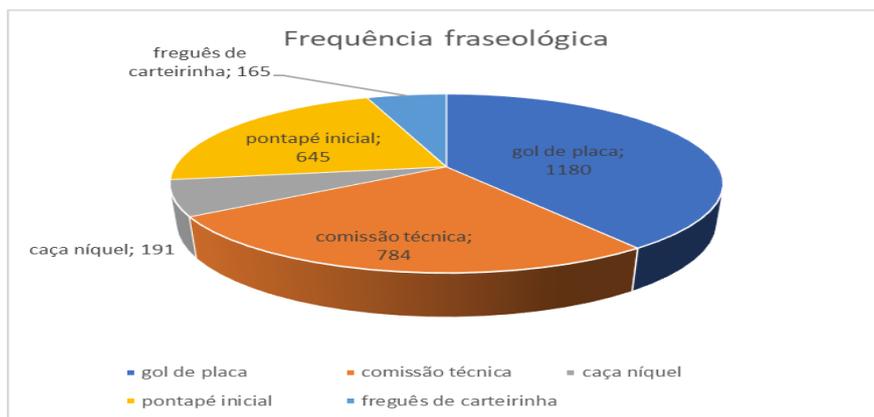
“É um jogo muito importante e precisamos <<fazer o dever de casa>>. Temos que ter pegada, concentração e conversar bastante dentro de campo para sair com o resultado positivo”. {SSNOAJ2014.10}

Além dos aspectos supracitados, verificamos na amostra a frequência dos fraseologismos. A título de ilustração elencamos, no Gráfico 1, as cinco unidades que apresentaram frequência maior que 100 (cem) vezes.

---

<sup>6</sup> A codificação utilizada na pesquisa original. SD=Série D; NE= Região; OM=Jornal; 3013= Ano; 03= Sequência do texto coletado.

**Gráfico 1** – Frequência fraseológica



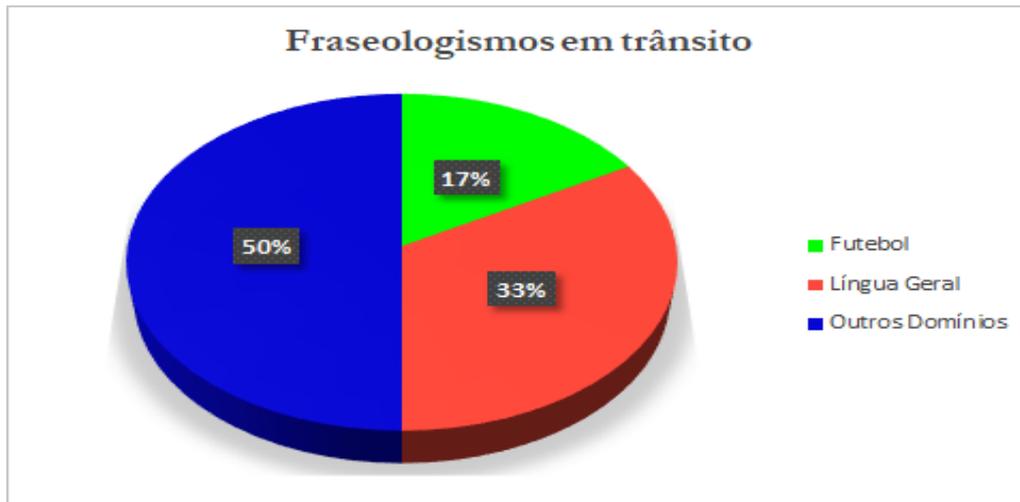
Fonte: Elaboração própria.

A frequência arrolada no Gráfico 1 revela a alta produtividade dos fraseologismos dentro da amostra coletada. Apesar de apresentarmos apenas a frequência relativa a cinco itens, podemos perceber como eles têm alto grau de circulação em textos cujo foco seja o futebol. Embora o *corpus* não seja considerado totalmente especializado, justamente porque está imbricado de expressões de outros domínios e da língua geral, quando observamos exemplos como *gol de placa*, o mais frequente com 1180 aparições, seguido de *comissão técnica* (784 vezes) e *pontapé inicial*, com 645 ocorrências, é possível dizer que as unidades próprias desse esporte são também as mais produtivas na amostra.

Mejri (2012) aponta a frequência de uso do fraseologismo como um critério a ser considerado no processo de certificação fraseológica. A quantidade de vezes que essas unidades aparecem favorece a fixidez da forma e do sentido, tornando-as estruturas previsíveis como bloco sintagmático, em virtude da coaparição e consequente coesão interna dos seus constituintes. Entretanto, como citado em alhures, só a frequência de ocorrência não é suficiente para determinar o caráter fraseológico de uma sequência, devendo estar relacionada a outros critérios, como a fixidez ou a congruência, por exemplo.

Ao considerarmos a transitividade fraseológica existente entre o discurso produzido na área do futebol (e os demais domínios temáticos, verificamos que a maior quantidade, na amostra, é constituída por fraseologismos de outros domínios, seguidos por exemplos captados da língua geral e, por fim, aqueles que são próprios da linguagem futebolística. O Gráfico 2 ilustra essa relação distributiva.

**Gráfico 2** - Fraseologismos em trânsito



Fonte: Elaboração própria.

No Gráfico 2 estão dispostos os resultados percentuais relacionados à quantidade de fraseologismos encontrados na amostra. Nos dados analisados, 50% dos casos encontrados são oriundos de outros domínios discursivos, o que engloba desde os ramos Bélico (*esquema tático, fuzilar de cabeça*); Contabilidade (*fechar a fatura*); Direito (*efeito suspensivo*); Economia (*câmbio negro*); área da Saúde (*dente de leite*), até a área de Pregão (*rifar a bola*). Dentre as unidades, 33% são advindas da língua geral, algumas muito utilizadas no dia a dia como, por exemplo, *cara a cara, dar o bote, de bandeja, pé quente*, além de muitas outras. Por fim, 17% dos fraseologismos são próprios do domínio do futebol. Esse último resultado chama atenção pelo fato de que as unidades identificadas trazem em sua estrutura pelo menos um termo que remete ao campo futebolístico. Assim, em *bola da vez, bola fora, bola murcha, bola pro mato que o jogo é de campeonato*, observamos a presença do item lexical *bola* como parte integrante da combinatória.

Dessa relação entre o contexto do futebol e a língua geral, notamos a presença de unidades fraseológicas desse universo temático que servem também ao senso comum, na linguagem ordinária. E nesse fluxo contínuo, língua de especialidade e língua comum se servem das diversas possibilidades de criação para re(alimentar) o léxico.

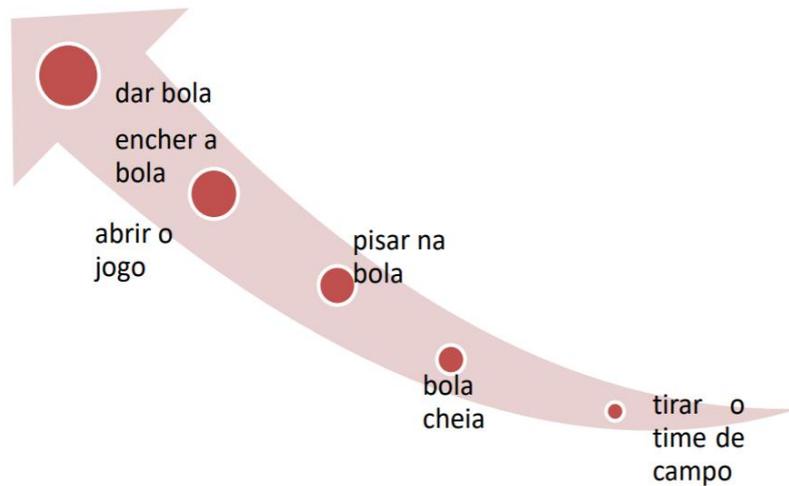
Neste sentido, da mesma sorte que o futebol faz uso da língua comum, ele também empresta unidades para a língua geral, como demonstram algumas das ocorrências do *corpus* que evidenciam essa transferência de domínio: *dar bola* (passar a bola ao companheiro de equipe → dar atenção a alguém); *encher a bola* (deixar a bola na pressão adequada → exaltar a qualidade de alguém); *abrir o jogo* (efetuar lançamentos

das laterais do campo para os colegas de equipe, possibilitando um jogo mais dinâmico → falar a verdade a alguém); *pisar na bola* (fazer a bola parar ao colocar o pé em cima dela → cometer um erro); *bola cheia* (a bola que está na pressão adequada para o jogo → o indivíduo que está gozando de prestígio) e *tirar o time de campo* (o time deixar o campo ao final de um jogo → desistir de alguma empreitada).

Ao refletir sobre essa dinâmica entre as línguas de especialidade e a língua comum, Barbosa (2000) considera a existência de uma escalaridade ao longo do percurso de uma unidade lexical. Para a autora: “Concebemos um percurso possível de uma ‘unidade lexical’, ao longo de um eixo *continuum*, do maior grau de banalização ao maior grau de cientificidade e vice-versa.” (BARBOSA, 2000, p. 77).

A relação de fraseologismos em trânsito, isto é, a flutuação dos fraseologismos entre um domínio e outro, está descrita na Figura 1, a seguir:

**Figura 1** – Fraseologismos em trânsito



Fonte: Salvador (2017)

A Figura 1 ilustra exemplos de fraseologismos que migram do domínio do futebol e passam a circular na língua geral, alguns deles com sentido positivo como ocorre em *bola da vez*, cujo significado é de prestígio, e outros de sentido negativo como *bola murcha*. O caráter pragmático dessas classificações evidencia, para Mejri (2012), o fluxo natural, dinâmico da língua e reflete o grau de cristalização dessas estruturas, assim como

o fato de os *tropes* efetuarem a transferência de sentido e, conseqüentemente, a mudança de domínio.

Da mesma maneira, foi feito o registro do movimento solidário entre os domínios discursivos no sentido da língua geral para o futebol. A título de ilustração, citam-se os fraseologismos: *bater o martelo* (linguagem dos leiloeiros, em que o ato de bater o martelo indica a aceitação do último lance, finalizando o leilão → no futebol significa a assinatura de contrato de um jogador); *rifou a bola* (linguagem dos leiloeiros, cada lance de um leilão → chutar a bola de qualquer maneira para sair de uma pressão do jogo); *dente de leite* (Odontologia, a primeira dentição das crianças → no futebol, uma das categorias que acolhe crianças de 7 a 11 anos); *bola da vez* (a próxima bola a ser tacada na sinuca → o jogador que está na mídia); *cortar gastos* (reduzir despesas, advindo da economia → reduzir o número de jogadores do time); *batalha campal* (uma das etapas da guerra → a partida de futebol na mesma configuração da batalha).

O fluxo dos fraseologismos oriundos da língua geral ou de outros domínios discursivos está evidenciado na Figura 2.

**Figura 2** – Fraseologismos em trânsito II



Fonte: Salvador (2017)

Os dados tratados mostram que os fraseologismos não são estruturas totalmente rígidas, imutáveis, pois sofrem as ações do tempo, do espaço, das mudanças sociais que se revelam nas práticas discursivas construídas historicamente e sobretudo da interação,

cada vez maior, entre os diferentes campos de atividade humana conforme Bakhtin (2003), mediada pela linguagem. Portanto, a cristalização e a fixidez não são totais, podendo haver variação na forma e eventualmente no conteúdo, mantendo, no entanto, as condições básicas de congruência e de institucionalização dessas sequências, para permitir que continuem sendo usadas como fraseologismos a serem reconhecidos, em qualquer contexto, graças também à competência fraseológica do usuário da língua. Muitos fraseologismos possuem formas alternativas que eventualmente incluem variações até mesmo com termos que não são sinônimos. Além disso, pode-se acrescentar a constatação de modificação diacrônica, verificada na pesquisa realizada em trabalhos anteriores, o que indica a não cristalização permanente do bloco.

### **Considerações finais**

Ao propormos este artigo, motivados pela constatação de que fraseologismos pertencentes ao domínio do futebol circulam entre um domínio e outro, percebemos, a partir da manipulação dos dados, que a língua geral usufrui de muitos casos fraseológicos oriundos do ramo futebolístico, como é o caso de *vestir a camisa*, *marcar um gol contra*, *abrir o jogo*, porém, o inverso também ocorre com frequência, sendo o domínio discursivo do campo bélico aquele do qual o arsenal futebolístico mais se utiliza, embora tenhamos deixado para outro momento a análise específica desses fraseologismos que apresentam estreita relação entre o campo das armas e o da bola.

O objetivo do estudo consistiu, portanto, em identificar e analisar fraseologismos que apresentam mais de um sentido dentro e/ou fora do discurso do futebol, com o intuito de realizar um breve mapeamento dos demais domínios com os quais o futebol se relaciona linguisticamente. Para isso, baseamo-nos na tese de Salvador (2017) cujo *corpus* possibilitou a análise de questões não contempladas na pesquisa original.

A análise das 42 unidades selecionadas permitiu a constatação de que existe uma profícua inter-relação entre os domínios discursivos dos quais a linguagem do futebol se nutre e para as quais também oferece estruturas, formas e sentidos, como a dinâmica observada entre fraseologismos do futebol e sequências cristalizadas comumente usadas na língua geral e em outros domínios.

Assim, o presente artigo põe em evidência que, embora os fraseologismos se constituam como sequências convencionalmente cristalizadas, graças à ação do uso, eles se adaptam aos diferentes contextos e às necessidades expressivas e comunicativas,

podendo adquirir novos contornos formais e de conteúdo, desde que não se tornem incongruentes. No caso específico deste trabalho, vimos que a interação entre os diferentes domínios enriquece o acervo lexical não apenas de torcedores e apreciadores do futebol, mas de um público bem maior que, ao compartilhar a mesma língua, consegue reconhecer e utilizar unidades fraseológicas postas em movimento pelo discurso que as atualiza em contexto. Em resumo, a linguagem do futebol, ao mesmo tempo que fornece, também exporta fraseologismos, expandindo os recursos expressivos e comunicativos.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BALLY, C. *Traité de stylistique française*. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1951. v. 1-2.
- BALLY, C. *Précis de stylistique: esquisse d'une méthode fondée sur l'étude du français moderne*. Genebra: Eggimann, 1909.
- BARBOSA, M. A. *Metaterminologização, metavocabularização: aspectos intertextuais e interdiscursivos da dinâmica do léxico*. Revista do GELNE. v. 2, n. 1, p. 74-77, 2000.
- BARROS, L. A. *Curso básico de terminologia*. Acadêmica, n. 54. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- CORPAS PASTOR, G.; ORTIZ ALVAREZ, M. L. Fraseologia e Paremiologia: uma entrevista com Gloria Corpas Pastor. *ReVEL*, vol. 15, n. 29, p.261-266, 2017. Tradução de Ana Carolina Spinelli. Revisão técnica de Gabriel de Ávila Othero.
- COSERIU, E. *Lecciones de lingüística general*. Madri: Gredos, 1977.
- FERRAZ, Aderlande Pereira. A lexicalização de sintagmas na linguagem da publicidade. In: ISQUERDO. Aparecida Negri. BARROS. Lídia Almeida. Orgs. *As ciências do léxico*. Lexicologia, lexicografia, terminologia. Volume V. Campo Grande, MS, 2010. Editora UFMS.
- FOUCAULT, M. *A Arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 4. ed., 1995. 277p.
- Jogo. In: Dicio, *Dicionário Online Michaelis*. Editora melhoramentos Ltda, 2020. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/jogo/>. Acesso em 08 de setembro de 2020.
- KLARE, J. *Lexicologia e fraseologia no português moderno*. Revista de Filologia Românica, Madri, v. 4, 1986. Disponível em: [http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Frevistas.ucm.es%2Findex.php%2FRFRM%2Farticle%2Fdownload%2FRFRM8686110355A%2F13195&ei=3Du1U4aMG6rjsASm\\_4KQCg&usq=AFQjCNEODI\\_I0QWsg9m\\_8p9cKtojDyOpig&sig2=7rdgCpM92zJIXfmZ5MWE3w](http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CB4QFjAA&url=http%3A%2F%2Frevistas.ucm.es%2Findex.php%2FRFRM%2Farticle%2Fdownload%2FRFRM8686110355A%2F13195&ei=3Du1U4aMG6rjsASm_4KQCg&usq=AFQjCNEODI_I0QWsg9m_8p9cKtojDyOpig&sig2=7rdgCpM92zJIXfmZ5MWE3w). Acesso em: 08 de setembro de 2020.
- MAINGUENEAU, D. *Discurso literário*. Trad. A. Sobral. São Paulo: Contexto, 2006.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MEJRI, Salah. *Le figement lexical, descriptions linguistiques structuration sémantique*, Tunis: Université de La Manouba, 1997.

MEJRI, Salah. Délimitation des unités phraséologiques. In: ORTÍZ ALVAREZ, Maria Luisa. (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas: Pontes Editores, 2012.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. *Expressões idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira*. I Maria Luisa Ortiz Alvarez. Campinas, SP: [s.n.], 2000.

POTTIER, B. *Linguistique générale: théorie et description*. Paris, Klincksieck, 1974.

RODRIGUÉZ, M. A. S. *Unidades fraseológicas francesas*. Estudios en un corpus: la Petalogía de Belleville de Daniel Pennac. Planteamiento didáctico. 2004. 508 f. Tese (Doutorado em Filologia) – Departamento de Filología Francesa, Românica, Italiana e Árabe, Universidade de Múrcia, Múrcia, 2004.

RUIZ GURILLO, L. *Aspectos de fraseología teórica española*, (Anejo XXIV de Cuadernos de Filología). Valencia: Universitat de València, 1997.

SALVADOR, C.F.N. *Estudo das fraseologias do futebol brasileiro das Séries B, C e D em jornais digitais populares: construção de um dicionário eletrônico*. Tese (Doutorado em Letras - Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

SCOTT, M. *WordSmith Tools*, versão 5.0. Liverpool: Lexical Analysis Software, 2008.

VINOGRADOV, V. V. Acerca dos tipos principais de unidades fraseológicas na língua russa (em russo). In: SCHAHMATOV, A. A. 1864-1920: *Colectânea de Artigos e Materiais*. [s.l.]: Academia de Ciências da URSS, 1947. p. 36-339.

## MOVEMENT OF PHRASEOLOGISMS BETWEEN FOOTBALL AND OTHER DOMAINS

### ABSTRACT

In this article, phraseologies that move between soccer and other discursive domains are presented. The French Phraseology current is adopted, starting with Mejri (1997; 2012) and the criteria suggested by this author in the phraseological identification. The methodology includes a sample extracted from texts that circulate in newspapers and online journals, application of tests to verify the phraseological character or not of the units under analysis, in addition to consulting the dictionaries of the 42 units found to certify their institutionalization. The analysis shows that football provides phraseologies to other domains, such as the case of *quem não faz leva*, and also receives other structures and meanings from them, such as *tem peixe na redet*, an indication of a goal scored, borrowed from the fishing domain.

**Keywords:** Phraseology. Phraseologisms. Football. Discursive domains.

**Envio: março/2021**

**Aceito para publicação: maio/2021**